

# O PRISMA E A PERSPECTIVA<sup>1</sup>

THE PRISM AND THE PERSPECTIVE

Tiago Guilherme Pinheiro 

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

NODARI, Alexandre. *A literatura como antropologia especulativa (conjunto de variações)*. Desterro [Florianópolis, SC]: Cultura e Barbárie, 2024.

Não há como subestimar a importância da publicação de um livro na trajetória de um pesquisador, ainda mais dentro dos estudos literários. Talvez porque com o livro – diferentemente do que ocorre com teses, dissertações, artigos, anotações de aula e relatórios – a mistura entre aquilo que se escreve e aquilo sobre o que se escreve pareça parte da natureza do objeto. Enquanto a formatação e a retórica consagradas como “acadêmicas” são definidas pelo distanciamento, por certa ilusão de não contaminação, o livro inevitavelmente baixa essas guardas, ao se colocar em meio aos livros que o livro responde, incorpora, recicla, reconta, ignora – e entre tantos outros mais. Desse modo, se vê convidado a habitar lado a lado com aqueles discursos que já convivem em seu interior, que constituem o seu corpo mesmo em ausência, na promessa de alimentar próximos encontros, filiações, debates, transformações. Há sempre um devir-livros em um livro, ao mesmo tempo que o livro é sua biblioteca ao avesso. Curiosamente, ainda que o texto guarde as marcas – impressas – desde onde se produz e possa até mesmo declarar e insistir no pertencimento a uma área de conhecimento, o livro nu – esse feixe de inumeráveis relações, como diria Borges – não se identifica com departamentos, seções, códigos de biblioteconomia, instituições. Nisso está a condição de sua enunciabilidade, sua capacidade de descontextualização. Sobre tal atributo de se manter sedentário e viajante ao mesmo tempo, diz o livro que motiva estas linhas: “trata-se de um movimento para fora (*ex-*) dele (da história, sentido ou referência), mas a partir dele (*ex-*), uma saída do tempo-espacô a partir de certo tempo-espacô” (Nodari, 2024, p. 84). Um processo móvel, animado, de citar e ser citado,

<sup>1</sup> Este texto foi lido no lançamento do livro *A literatura como antropologia especulativa (conjunto de variações)*, com a presença do autor, no dia 21 de novembro de 2024, no Auditório Drummond, no Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina.



não importa se com ou sem aspas. Assim, por mais que se queira classificar um livro enquanto um livro de teoria literária, história, física, linguística, ecologia, literatura, antropologia ou filosofia, a verdade é que não há nada na natureza do livro que traga a marca distintiva, adequada e exclusiva, de qualquer uma dessas áreas de atuação (não há o livro próprio à matéria da história, outro próprio da filosofia, da teoria literária etc.). Como certa imagem do conhecimento e como suporte que encarna o texto, o livro, quando visto em sua materialidade, lembra que o saber não sucede nem antecede o objeto, que as próprias posições de sujeito e objeto – daquele que lê e daquilo que é lido – devem ser intercambiadas e suspensas, para que um saber ou um fazer possam acontecer. Não é um processo submetido a protocolos de pudor, mas de ressonância, interpenetração.

O livro em questão já incute algumas dessas reflexões desde seu título: *A literatura como antropologia especulativa*. Nesse anúncio, não há medo de se ver sob a perspectiva do outro, porque esse processo já estaria em operação de alguma maneira. O que nos lembra que, diferentemente de certos discursos, não é pela falta de administração de fronteiras, campos e limites que a literatura corre o risco de se perder, desaparecer ou enfraquecer.

A existência de museus, galerias, do mercado de “ficção”, em suma, da série de convenções, cambiantes e precárias, que nos fazem experimentar algo como “arte”, apontam tanto para institucionalização e mesmo aprisionamento da experiência artística em heterotopias e heterocronias quanto para a precariedade da sua distinção com o não artístico (se é preciso avisar o que é arte é porque não há algo que seja em si artístico) (Nodari, 2024, p. 86).

Certo estado de aflição, por vezes presente nas discussões das últimas décadas, decorre porque não se imagina algo para além de duas possibilidades: 1) ou se separa a literatura do resto e reitera-se sua propriedade ou 2) coloca-se todo o resto sob sua tutela, como se não pudesse haver algo que já não estivesse dentro de seus domínios. É entre essas alternativas infernais que se esquece do “como” que caracteriza a ficção, trabalhado com tanta intensidade pelo discurso que é dito *como* literário, que se diz *como* se fosse literatura, mas que, para sê-lo, precisa se aproximar, atuar, encenar, relutar, colocar-se em jogo, *como* se fosse outra coisa (a antropologia, por exemplo, que também não pode ser antropologia sem ser e ao mesmo tempo deixar de ser literatura nesse processo):

As enunciações literárias não se situam em todo espaço e em todo tempo, mas em nenhum espaço e em nenhum tempo (a-historicidade) – e, por isso, podem ser situadas em qualquer espaço e qualquer tempo (estoricidade) (Nodari, 2024, p. 85).

Como esse livro anuncia já nas primeiras páginas, a força-motriz que atravessa e movimenta seu projeto é o de

[...] investigar de que modo conceitos da teoria literária [...] podem ser relidos e repensados a partir desse contato entre saberes (estudos literários e antropologia) e entre práticas verbais (literatura e cantos xamânicos ou mitos, por exemplo) (Nodari, 2024, p. 27).

Assim, por outros olhos, noções tão fundamentais e algumas um tanto abandonadas dentro da história dos estudos literários ganham nova vida: o estranhamento de Chklovski, a fabulação de Iser, as teorias da enunciação de Benveniste, a noção de performativo de Austin ou de performance de Zumthor, o mito de Lévi-Strauss, o contador de histórias de Walter Benjamin ou as figuras da retórica antiga, em especial e não por acaso, a prosopopeia. Assim, para que se possa produzir um lugar da escuta de outros mundos (ameríndios, mas também disciplinares – sabe-se o quanto um departamento vizinho pode estar a anos-luz de distância), deveríamos nos voltar para as práticas vagas neste mundo em que nos encontramos e que mobilizam aspectos para formalizar, pensar, contactar as vozes que nos são especificamente alheias. Aquilo que chamamos de “literatura” certamente mobilizou e mobiliza uma larga e intensiva relação com essas alteridades, não sem ambivalência, já que funciona tanto como um largo arquivo de emancipação quanto de violência – de histórias e contra-histórias, pode-se dizer (Nodari, 2024, p. 82). Nisso se aparenta também com a antropologia, mas não só.

Assim, para sermos fiel à essa reflexão, teríamos que nos afastar da mera constatação de estarmos diante de um livro em direção a uma reflexão sobre o que este objeto faz para tornar-se livro (com nossa participação, neste ritual de leitura, de escrita da leitura). Posso dizer que, conhecendo previamente vários textos cujos títulos coincidem com os capítulos apresentados em seu corpo, a experiência da leitura daquilo que agora se tem em mãos não é a mesma. Porque se pensa como livro e atua como livro, *A literatura como antropologia especulativa* performa sua concepção de livro – que não se restringe apenas ao tipo de objeto que temos diante de nós.

Não por acaso, *A literatura como antropologia especulativa* conjura para sua roda duas obras em que os papéis da escuta e do espelhamento são tão intensos: uma assinada por João Guimarães Rosa e a outra por Clarice Lispector. É de um relato de escuta de Pedro e Paulo – filhos da autora de *Perto do coração selvagem* – que o livro pega emprestado o termo para designar o processo de percepção e criação daquilo que não existe por meio de sua nomeação, da tradução da imaginação em palavras: o “sonho do olho” (Nodari, 2024, p. 29).

Peço então licença para rememorar um causo que ocorreu quando este livro me chegou às mãos, ainda que menos fascinante que a estória dos filhos de Clarice Lispector. Depois de lê-lo, enviei uma mensagem de áudio ao autor, falando obviedades das quais talvez eu me arrependa um pouco: do marco que o livro representa, tão esperado por tantos, da fineza das leituras, de como responde uma série de questões contemporâneas de maneira inteligente etc. A qual, Alexandre Nodari me responde, com outro áudio breve: “tudo bem, tudo bem, mas como está a leitura? Está confortável? Ainda estou preocupado com o tamanho das margens, achei a fonte um pouco grande... Não estou convencido dessa parte”. Deixe-me então me redimir das grandiosidades, que tendem a acabar no vazio, e me deter em responder a essa preocupação, em atender e entender o que se passa com esse transtorno, muito mais do que dar-lhe um veredito sobre questões editoriais.

Como este livro mesmo expressa (Nodari, 2024, p. 26), o esforço que identifica como sua origem – esse tempo originário que o processo de composição estabelece para si – está em repensar a literatura através do perspectivismo ameríndio, proposto por Tânia Stolze Lima, Viveiros de Castro e outros. Gostaria de atrair a atenção para um componente fundamental do jogo de perspectivas que o livro não menciona explicitamente, mas está presente em toda a sua estrutura. Trata-se do componente da luz ou, de forma mais generalizada, dos fenômenos ondulatórios que possibilitam parte de nosso campo perceptivo. Para tanto, remeto a outro interlocutor importante deste livro.

Na Abertura de *Mitológicas*, Claude Lévi-Strauss comenta o procedimento adotado ao longo de sua obra. Citando Durkheim, aponta que o método cartesiano, de divisão e ordenação de um problema em tantas partes quanto forem necessárias para sua resolução, não é adequado ao estudo dos mitos, já que esse tipo de narrativa, em vez de estar voltada para a resolução de um problema, opera deslocando e postergando dificuldades, enriquecendo-as, matizando e derivando seus escândalos lógicos, sem os decompôr. Por isso, uma possível tradução para a lógica dos mitos na cultura científica ocidental deveria ser encontrada, segundo o antropólogo francês, no estudo dos reflexos e refrações (Lévi-Strauss, 2004a, p. 23-24). Contra a anancástica (a compulsão classificatória e ordenatória que, poderíamos dizer, está na base do pensamento moderno ocidental), Lévi-Strauss propõe então uma anaclástica (que se dedica à pesquisa dos desvios da trajetória luminosa tomada a partir do encontro com diferentes meios e superfícies de contato).

A literatura como antropologia especulativa leva em consideração essa mesma preocupação, ainda que sob um ângulo diferente. Se Lévi-Strauss está descrevendo o trabalho de como os mitos pensam entre si (ou o pensamento que surge entre os mitos), sendo *difusões* uns dos outros, sem ponto de origem, o livro de Nodari, ao pensar a literatura a partir de seu outro, nota como

*o atravessamento* desses mitos produz efeitos prismáticos, que possibilitam modo distintos de compreender práticas verbais. O prisma, como é sabido, opera um processo de *refração* e *dispersão* luminosa. É através desses cristais que a luz branca é decomposta em uma gama de cores que imediatamente se relaciona com o arco-íris. Entretanto nenhuma dessas cores é a parte menor da luz. Além disso, nenhuma delas possui uma pureza: cada qual é cheia de matizes, sendo composta por uma infinidade de intervalos entre intervalos de cores. De fato, a luz é um espectro formado por uma gama de espectros, e cumpre um papel fundamental para a construção de mundos e para a relação de perspectiva que se coloca entre eles. Não por acaso, desde o alvorecer da linguística e da antropologia, a questão das cores do arco-íris já era mobilizada dentro de um debate tenso entre o vínculo entre palavras e percepções em diferentes idiomas: enquanto estamos acostumados a nomear sete cores, outros idiomas colocam apenas duas cores distintas. Em outras línguas, como o Pirahá (Everett, 2005, p. 637-638), não existem palavras específicas para designar cores, empregando termos compostos a partir de adjetivações. E, no entanto, essa percepção quantitativa precisa entrar ela mesma em perspectiva, já que, sejam sete, sejam duas, sejam nenhuma, cada povo procura seu modo de derivar e suplementar indefinidamente a designação das cores: no caso do português, por exemplo, não há só vermelho, mas vermelho-escuro, vermelho-tomate, vermelho-sangue, bordô, carmim, e assim por diante. Cabe lembrar que mesmo o convencional número sete do arco-íris já é também um construto estético: Isaac Newton, em seus estudos fundamentais sobre refração óptica da luz branca, inicialmente identificara apenas cinco, incluindo o laranja e o índigo para estabelecer uma analogia com as sete notas musicais da escala heptatônica (Topper, 1990).

Não por acaso, quando zoólogos buscam reconstituir o mundo a partir do ponto de vista de um animal, isto é, o mundo dessas espécies, a primeira coisa que nos mostram é a tentativa de traduzir esses espectros – de luz ou de som, mas não só – que dão forma a esse mundo. Assim, somos informados que os cães enxergam especialmente em tons azulados e amarelo-acinzentados, e não tanto em verde e vermelho, além de possuírem maior sensibilidade à luz. Já os peixes de recife não enxergam em vermelho, mas são sensíveis a toda uma série de tonalidades coloridas que escapam à perspectiva do nosso olho. O ponto de vista de gatos, morcegos e aranhas constituem e são constituídos por suas formas, seus hábitos, suas alianças, suas presas, seus predadores. Daí a máxima do perspectivismo ameríndio de que o ponto de vista está no corpo, de que o que temos é um multinaturalismo (Viveiros de Castro, 2014, p. 379-380). Quando os astrônomos buscam entender os comportamentos de corpos celestes longínquos, a base de dados é fornecida por desvios de diferentes ondas eletromagnéticas, advindas de tempos e espaços absolutamente diferentes da atualidade terrestre. A possibilidade de

vida em um outro planeta ou satélite (e como ela seria) é perscrutada, entre outras coisas, pelas cores de sua atmosfera. Por fim, cabe lembrar que entre os Arawetés, os Aché e outras comunidades ameríndias, o arco-íris se sobrepõe à entidade da cobra-grande. É imortal, venenosa e muitas vezes traíçoeira. A multiplicidade de cores e a capacidade de mudar de pele coloca-a em um plano de existência intermediário, entre reinos como o subaquático e o celeste, fazendo ponte com o inimigo, o morto, isto é, com a alteridade. Por fim, o arco-íris seria o correspondente diurno da zona obscura da Via Láctea (Lévi-Strauss, 2004b, p. 267; Viveiros de Castro, 1986, p. 446). Nossos espectrogramas são, parcialmente, equivalentes funcionais da cobra-grande dos mitos indígenas da América do Sul.

Os neologismos disseminados por *A literatura como antropologia especulativa*, de Alexandre Nodari, visam a nomear justamente esse tipo de reoperação de transposição entre diferentes cosmologias de práticas verbais e não verbais, entre umas e outras (e de volta). Assim é o caso de decontextualização, encenunciação, alterocupar-se, lugar da escuta, quase-evento, filozoofia, refazenda, entre outros. Não se trata apenas de termos que fundem processos considerados distintos, mas prismam matizes e tonalidades, em que o observador e o observado, o leitor e o lido, a cena e a enunciação, o que ocorre e o que não pode ocorrer, o mito e o literário, a história e a estória se encontram, ao reverberar um no outro, ainda (ou justamente por) que seus meios e formas não sejam os mesmos, constituindo também ruídos, estáticas e equívocos nessas interações. Há uma dimensão da perspectiva que só é possível notar quando há a passagem de um discurso a outro, de um contexto a outro, de um mundo a outro, tal como quando a luz atravessa o vidro, ou o som, a água, diminuindo sua velocidade e/ou alterando o ângulo de sua trajetória. Não por acaso, a concepção-chave do livro de Nodari é a da obliquação, que se define como “eu vendo/sendo visto de dois pontos de vista distintos e incompatíveis, o próprio e o do outro, o que torciona essas posições ao limite (ou para além dele), tornando impossível determinar e individuar um sujeito e um objeto unívocos” (Nodari, 2024, p. 52). Por isso o livro se chama também de *conjunto de variações* (como se revela na página de rosto).

O subtítulo não é o único modo pelo qual o livro faz de si um prisma. Nesse ponto, ressaltam-se as preocupações com os elementos editoriais demonstradas pelo autor. Note-se como a capa branca e a quarta capa funcionam como pano de fundo para os poemas *geo* e *ego* de André Vallias: o uso das cores básicas do processo de impressão – magenta, ciano e amarelo – anunciam já essa vocação. Um poema se torna o outro, deflete-se no outro, ao atravessar o livro. Para tanto, convoca-se um terceiro termo no interior do livro-prisma, suplementar ao da dispersão dos olhares, a obliquação: o da reverberação das vozes, o eco/a Eco.

O eco e o reflexo, Narciso e Eco, formam um par que, em sua própria dualidade, desequilibra qualquer paridade, binarismo ou simetria entre o eu e o outro. A interpolação (sobre- e transposição) de um mito no outro impede a enunciação simples da alteridade como a oposição dual e simples entre o eu e o outro como termos binários (e eles também simples): o gesto de Ovídio nos ensina que o duplo é ele mesmo duplo, duplamente duplo – e que ele também não passa de seu reflexo invertido ou eco diferido (Nodari, 2024, p. 279).

Até mesmo o índice joga de forma parecida. Dispositivo textual que nasce da descrição e hierarquização da matéria dos tratados filosóficos e teológicos, aqui é empregado não para simplesmente numerar uma sequência, mas como que para frisar a multiplicidade de mundos entre os próprios números, que vão do capítulo -1 (o avesso do início, o descomeço, o negativo), passam pelo problemático 0; chega ao SETE, abandonando os algarismos latinos e escrevendo-o por extenso em caixa alta; substituindo o 8, tombando-o e transformando-o de numeral em grandeza, ao infinito ( $\infty$ ), em um capítulo sobre *Grande sertão: veredas*; indo além dele, até às 1.001 noites de Sherazade, para uma resposta ao genocídio em curso na Palestina. Não são meramente índices abstratos de quantificação, ordem ou medida, mas também, no corpo que assumem, algarismos em exílio – árabicos, hindus, latinos, gregos, etruscos etc. –, a despeito do horizonte de uma operacionalidade isométrica em qualquer lugar do universo que colocam para si.

(E mesmo enquanto números: a infinidade de conjuntos – inteiros, irracionais, complexos, imaginários, transinfinitos, entre outros tantos –, com seus axiomas nem sempre compartilhados, sempre recoloca a questão de seu pertencimento e sua possibilidade de interação com números de outra pertinência, alimentando a teoria dos conjuntos e sua vinculação com especulações ontológicas).

Daí a preocupação com as margens do livro. Seria evidente falar que este livro pensa a partir das margens, revê a literatura a partir desse espaço intervalar. Porém, a margem é também condição de possibilidade para o corpo do texto ao mesmo tempo que o dispersa, enquanto espaço de interação e de distanciamento com o texto, texterioridade (outra operação proposta por essa antropologia especulativa), dentro-fora, fora-dentro. Não por acaso, esse espaço também já foi ocupado por outro termo relacionado à luz e que exibia enlaces de naturezas outras, híbridas, em que coelhos cavalgam caracóis, dragões convivem com unicórnios, anjos, monstros e divindades. Refiro-me às iluminuras. Espaço de refração e dispersão da imaginação, dos imaginários que se encontram no texto e com os quais o texto sempre está aberto, permitindo vislumbrar sempre uma quinta margem da página, por assim dizer.

Assim, voltamos à questão inicial: como esse livro se faz e refaz a questão do livro. Este livro busca modificar o que se entende por livro. Limita os limites dos livros, expandindo constantemente aquilo que é tido como objeto possível de leitura, de se fazer-livro, ao observar o que é proposto em cosmologias diversas, para além de certo modelo que encerra palavras em uma determinada encadernação. Eis a força de certa máxima de *A literatura como antropologia especulativa* propõe para si, com algumas ressonâncias benjaminianas, com a qual termino este breve comentário: “Todo mundo lê (o mundo) o tempo todo” (Nodari, 2024, p. 33).

## Referências

- EVERETT, Daniel. Cultural constraints on grammar and cognition in Pirahã. *Current Anthropology*, Chicago, v. 46, n. 4, p. 621-646, ago./out. 2005.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mitológicas (vol. 1)*: o cru e o cozido. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2004a.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mitológicas (vol. 2)*: do mel às cinzas. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés; Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2004b.
- NODARI, Alexandre. *A literatura como Antropologia Especulativa*. (conjunto de variações). Florianópolis: Cultura e barbárie, 2024.
- TOPPER, David. Newton on the number of colours in the spectrum. *Studies in History and Philosophy of Science*, Amesterdã, v. 21, n. 2, p. 269-279, jun. 1990.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem: e outros ensaios de antropologia*. 5. ed. São Paulo, SP: CosacNaify, 2014.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 1986.

**Tiago Guilherme Pinheiro.** Professor de Teoria Literária do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da UFSC. Também é responsável pela coordenação do Núcleo de Estudos Benjaminianos dessa mesma instituição.

**E-mail:** tgp.ufsc@gmail.com.br

**Declaração de Autoria:**

Tiago Pinheiro, declarado autor, confirma sua participação em todas as etapas de elaboração do trabalho: 1. Concepção, projeto, pesquisa bibliográfica, análise e interpretação dos dados; 2. Redação e revisão do manuscrito; 3. Aprovação da versão final do manuscrito para publicação; 4. Responsabilidade por todos os aspectos do trabalho e garantia pela exatidão e integridade de qualquer parte da obra.

**Declaração de Disponibilidade de Dados:**

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

**Declaração dos Editores:**

Ana Maria Lisboa de Mello, Elena Cristina Palmero González, Rafael Gutiérrez Giraldo e Rodrigo Labriola, aprovamos a versão final deste texto para sua publicação.

**Recebido:** 17/01/2025

**Aprovado:** 31/03/2025